

AS RODAS DE SAMBA DO CLUB DO COMPOSITOR COMO LUGARES DE VIVÊNCIA DA HOSPITALIDADE NO DISTRITO FEDERAL BRASILEIRO

**THE SAMBA CIRCLES OF CLUB DO COMPOSITOR AS PLACES OF HOSPITALITY
IN THE FEDERAL DISTRICT OF BRAZIL**

VITOR JOÃO RAMOS ALVES ⁱ
LUCIANA RESENDE BORGES ⁱⁱ

Palavras-chave

Hospitalidade.
Lugar.
Rodas de samba.
Club do
Compositor.
Distrito Federal
brasileiro.

Resumo

O debate neste artigo se efetiva a partir de referências teóricas sobre os conceitos de hospitalidade e lugar, pelo ângulo do Turismo e da Geografia. Entende-se hospitalidade a partir do ponto de vista da dimensão sociocultural e espacial, centrada no sujeito e suas relações complexas com o lugar das rodas de samba. Nesta pesquisa, o lugar é como um espaço banal e de um acontecer solidário. Como objetivo geral, os pesquisadores buscaram verificar evidências que contribuem para reconhecer as rodas de samba do coletivo Club do Compositor, no território do Distrito Federal brasileiro, como lugares de vivência da hospitalidade. Por meio de uma pesquisa qualitativa, de nível exploratório, foi possível estabelecer um delineamento pautado nos dados coletados a partir do empírico – estudo de campo – para confrontar a visão teórica – pesquisa bibliográfica – sobre hospitalidade e lugares de vivência da hospitalidade, no âmbito do fato rodas de samba do Club do Compositor. A partir de entrevista realizada com os sambistas e compositores e observação sistêmica das rodas de samba construiu-se um histórico de como surgiu o coletivo de samba Club do Compositor; identificar as etapas de planejamento para a efetivação das rodas de samba; além de mapear os lugares onde essas rodas se efetivam nas Regiões Administrativas do Distrito Federal. O trabalho também sinaliza que os lugares onde essas rodas de samba se efetivam, se fazem como lugares de vivência da hospitalidade por estar centrados no lazer, a partir do samba e da socialização dos sujeitos, de forma gratuita e espontânea

ISSN
2594-8407

Revisado por
pares

Submetido em
31/10/2020
Aprovado em
11/01/2021



Keywords

Hospitality.
Place.
Samba circles.
Club do
Compositor.
Federal District
of Brazil.

Abstract

The debate in this article takes effect from theoretical references on the concepts of hospitality and place, from the angle of Tourism and Geography. Hospitality is understood from the point of view of the socio-cultural and spatial dimension, centered on the subject and its complex relations with the place of the samba circles. In this research, the place is like a banal space and a solidary event. As a general objective, the researchers sought to verify evidence to recognize the samba circles of the collective Club do Compositor, in the territory of the Brazilian Federal District, as places of hospitality experience. Through a qualitative research, at an exploratory level, it was possible to establish a design based on the data collected from the empirical - field study - to confront the theoretical view - bibliographic research - on hospitality and places of experience of hospitality, within the scope of samba club of the Composer Club. From an interview with the samba dancers and composers and a systematic observation of the samba circles, a history of how the samba collective Club do Compositor emerged; identify the planning stages for the implementation of the samba circles; in addition to mapping the places where these wheels take place in the Administrative Regions of the Federal District. The work also signals that the places where these samba circles happens are likes as places of experiencing hospitality for being centered on leisure, based on samba and the socialization of subjects, free and spontaneous.

INTRODUÇÃO

A grande crise econômica e política, atual e com dimensões mundiais, conduz-nos a certos retrocessos em matéria de educação, pesquisas científicas, políticas públicas e conquistas sociais. O avanço tecnológico, a cultura fabricada e o consumismo – todos em massa – surgem como instrumentos de segregação, alienação e controle por parte do Estado e de grandes corporações. A supressão da simplicidade da vida em comunidade, baseada na solidariedade, abre espaços para a sedução, valorização e estabelecimento de uma sociedade competitiva, comandada pela busca de *status* e de *likes*, que estimulam a exploração e o individualismo – como valores e padrões de comportamentos – na perpetuação do capitalismo e do neoliberalismo – em suas essências – (Santos, 2004, 2007, 2014).

Nesse movimento, o lazer nas cidades torna-se um lazer privatizado e seletivo (por raça, classe, gênero e orientação sexual); e a hospitalidade passa a ser tratada apenas como estratégia de captação de novos clientes e aumento de lucros (Grinover, 2008, 2019; Avena, 2006; Baptista, 2002). Os sujeitos, cada vez mais, são tratados como consumidores e forçados a se inserir na lógica do mundo artificial-moderno da



liquidez (Bauman, 2014). Alienados, consideram-se impotentes para a promoção de mudanças e são compelidos a se orientarem por uma informação manipulada que, em lugar de esclarecer, confunde-os ainda mais (Santos, 2004).

Contudo, um novo posicionamento social surge nesse cenário. Reações de resistências – contra esse movimento de dominação – capazes de rivalizar com a cultura de massificação das ações cotidianas – imposta hegemonicamente. “As pessoas não são mais tão submissas como costumavam ser (ou se acreditava que fossem) e estão menos propensas a temer a punição por desobediência”, conforme nos apresenta Bauman (2014, p. 109). Pautadas na vida cotidiana, no trabalho, no lazer e no “espaço banal dos sujeitos” (Santos, 2004, 2007), essas reações ativam a hospitalidade nos territórios, muitas vezes de forma espontânea.

É o que os autores deste trabalho identificaram, a partir de uma pesquisa qualitativa, de nível exploratório, com o objetivo de verificar evidências que reconheçam as rodas de samba do coletivo Club do Compositor como lugares de vivência da hospitalidade no território do Distrito Federal (DF) brasileiro.

A partir do objetivo proposto, o artigo foi delineado por um levantamento bibliográfico, que revê o conceito de hospitalidade e suas dimensões sociocultural e espacial (item 2), adentrando em seguida no debate sobre o lugar como palco das relações sociais e da hospitalidade (item 3). O artigo também apresenta um levantamento de campo, detalhado no percurso metodológico de delineamento da pesquisa (item 4), tomando como base as teorias de Demo (2004) e Gil (2002), para revelar, por fim, as evidências que reconhecem as rodas de samba como lugar de vivência da hospitalidade.

A proposta metodológica adotada se baseia, conforme Demo (2004), para uma politicidade do conhecimento como instrumento essencial de mudanças sociais. Na forma de artigo, a pesquisa pode difundir o conhecimento construído e contribuir para a valorização do movimento do samba do DF; ampliar o debate sobre hospitalidade e seus lugares de vivência, para além do olhar utilitarista – que tem o seu foco na prestação de serviços –, tratando assim os conceitos a partir de suas relações com as rodas de samba.

A análise também resgata o histórico de surgimento do coletivo de samba Club do Compositor e caracteriza a forma de efetivação de suas rodas de samba; além de identificar os lugares onde a hospitalidade é efetivada nas Regiões Administrativasⁱⁱⁱ do DF (item 5), a partir do samba.

Os autores sinalizaram, portanto, que essas rodas de samba democráticas se fazem tal como lugares de prática da hospitalidade, centradas no acolhimento, no lazer gratuito e na socialização dos sujeitos de



forma espontânea. Além de sinalizar uma valorização e preservação do samba de raiz e do samba autoral do DF, essas rodas também são capazes de multiplicar e intensificar as práticas de acolhimento, reconhecimento e cuidado para com os sujeitos nos territórios.

HOSPITALIDADE E SUAS DIMENSÕES SOCIOCULTURAL E ESPACIAL

O debate sobre hospitalidade pode aparentar algo demasiado refletido pelas ciências humanas, em especial no Turismo. Em alguns trabalhos têm o seu foco tal como uma indústria, ou seja, a partir de suas relações monetárias com as infraestruturas de serviços e atitudes de provisão de conforto, abrigo e alimento. Em outros, possui um aspecto muito mais amplo e complexo do que o único viés econômico, tal como a proposta deste artigo.

A realidade política da hospitalidade, conforme apresenta Grinover (2008, p. 2), era tratada – pelos autores clássicos que a estudaram – a partir de um “acolhimento condicional, promovido (em sua maior parte) por trocas comerciais”. Hoje, com a intensificação dos fenômenos sociais de segregação, exclusão, marginalização e nomadismo, já implica num reinventar da hospitalidade, ou seja, pensar sua prática de forma mais ampla, transversal, pontualmente distinta, segundo a realidade dos sujeitos e dos lugares onde são vivenciadas. Assim, a hospitalidade é observada, neste artigo, a partir da ampla compreensão do ato de acolher e proporcionar bem-estar aos sujeitos, isto é, construída, culturalmente, pelas relações sociais e considerada em toda a sua complexidade. Pensada como fenômeno social de amplas dimensões, com possíveis realizações de interfaces múltiplas, ancorado nos estudos de Camargo (2004, p. 85), que define hospitalidade como “interação de seres humanos com seres humanos em tempos e espaços planejados para essa interação”.

Matheus (2002, p. 66) também contribui para esse diálogo ao apresentar que hospitalidade é observada como um “sustentáculo do laço social, pois ela tem como princípio fundamental atar o indivíduo a um coletivo, contrapondo-se inteiramente ao ato de exclusão”.

Brusadin e Panosso Netto (2017, p. 25) contribuem nos esclarecendo que hospitalidade incide a partir dos comportamentos originários da base da sociedade. “A partilha e a troca dos frutos do trabalho, junto com a mutualidade e a reciprocidade, associadas originalmente à caça e à coleta de alimentos, são a essência da organização coletiva e do senso de comunidade”, aclaram os autores.



Estes posicionamentos teóricos também são adotados por Cruz (2002, p. 43) ao definir “hospitalidade como um fenômeno de múltiplas dimensões”. Do ponto de vista da dimensão sociocultural, a autora parte de uma visão centrada no sujeito ou em uma dada coletividade. O ato de acolher é observado como um ato social, culturalmente construído, podendo ser voluntário ou involuntário, isto é, nem sempre o anfitrião recebe o visitante de forma espontânea.

A partir do olhar sobre a dimensão espacial, Cruz (2002) esclarece que o conceito ainda pode ser tratado de duas naturezas: do espaço urbano e do rural. Ambos, carregam em si uma grandeza diferenciada: o vínculo territorial do(s) sujeito(s) com o(s) território(s). Sujeitos esses, residentes ou visitantes, que ocupam posições distintas e particulares. Para Cruz (2002, p. 43): “essas diferentes naturezas se entrecruzam todo o tempo e a classificação exposta acima não tem outra finalidade senão a de ensaiar uma possível sistematização do conhecimento acerca do conceito de hospitalidade”.

Semelhante ao posicionamento de Cruz (2002), pode-se também trazer ao debate os apontamentos de Baptista (2002, p. 157), os quais define hospitalidade como “um modo privilegiado de encontro interpessoal marcado pela atitude de acolhimento em relação ao outro”. Também considerada pela autora como uma “experiência de contato e de relação”, a hospitalidade é tratada, ao mesmo tempo, como “exposição e vulnerabilidade”, o que não significa “passividade ou indiferença”. Nessas relações, a consciência do sujeito recebe o que vem de fora com a diferença e a cortesia que lhe são devidas, oferecendo-lhe o melhor; sem, no entanto, desrespeitar sua condição de outro. Essa condição, entretanto, é valorizada ao ponto do sujeito se sentir cúmplice do destino daquele que lhe oferta a atenção.

Baptista (2002, p. 161) ainda apresenta que hospitalidade pode “dizer-se e manifestar-se por meio de muitas maneiras: pelas palavras, pelos gestos, pelas leis e pela pluralidade imensa de formas de gerir os tempos e os espaços”. É possível também incluir, referenciando o objeto de estudo deste trabalho, a música, o samba e as próprias rodas de samba, como formas de manifestação da hospitalidade.

Ao propor ampliar o debate sobre o conceito, resgata-se em Avena (2006, p. 142) que todos os encontros de pessoas implicam a um acolhimento. “Os homens dependem uns dos outros para sobreviver e nesse processo há sempre a presença do ato de acolhimento”. Dessa forma, o autor define hospitalidade (a partir das teorias de Pierre Gouirand) como parte de um universo maior que é o acolhimento e, ambos, como “uma necessidade natural, biológica e social” (Avena, 2006, p. 138-139).

Avena (2006) ainda trata o tema pontuando que há um encadeamento progressivo nas expectativas fundamentais do acolhimento, que são: o reconhecimento, a hospitalidade e o cuidado. O reconhecimento



– a partir da necessidade de ser reconhecido – é relacionado a um ser que é respeitado e aceito pelo grupo, enquanto ser humano. A hospitalidade, preocupada com o conforto, inclui a salvaguarda e o bem-estar do sujeito. E, por fim, o cuidado, na função de guia para aquele que chega, facilita sua instalação, dando todas as informações, e oferece os serviços necessários. Assim, o autor conclui que todos os procedimentos de acolhimento, quando colocados em prática, devem expressar seus fatores essenciais: o reconhecimento, o cuidado e a hospitalidade (Avena, 2006, p. 146).

Parafraseando Avena (2006), observa-se também que toda essa relação de cuidado, reconhecimento e hospitalidade promove, simultaneamente, transformações no ambiente e no lugar onde se faz concretizado o acolhimento. “O cuidado que ‘aquele que acolhe’ dá à preparação e ao embelezamento do espaço do acolhimento é tão significativo quanto a qualidade da relação que se estabelece no momento do acolhimento” (Avena, 2006, p. 149).

Dessa forma, busca-se, com o item a seguir, compreender a lógica de relacionamento entre as práticas da hospitalidade e os ambientes urbanos onde elas se concretizam – os lugares da hospitalidade –, tal como um palco de manifestações culturais e de múltiplas identidades, tal como se caracterizam as rodas de samba.

O LUGAR COMO PALCO DAS RELAÇÕES SOCIAIS E DA HOSPITALIDADE

Dentre as questões conceituais a serem consideradas importantes numa pesquisa sobre hospitalidade, a observação do lugar e suas relações sociais é, sem dúvida, uma das mais significativas. A qualidade do ambiente onde se concretiza a hospitalidade, conforme Avena (2006, p. 140), “age sobre a qualidade do acolhimento”. Essa ação se faz por aquilo que ele (o lugar) oferece, do ponto de vista do conforto e da segurança, e por aquilo que ele representa. O lugar, portanto, transmite aos sujeitos uma mensagem de bem-estar, conforto e acolhimento em relação à hospitalidade.

Grinover (2008), ao trabalhar as transformações urbanas e a hospitalidade, apresenta que o conceito é entendido hoje como um modo de garantir: a heterogeneidade de uma cidade e a riqueza de sua sociodiversidade. “Se o espaço tiver uma característica construída, estaremos chegando ao que podemos denominar de ‘lugar’, um espaço público ou privado, onde se pratica a hospitalidade” (Grinover, 2008, p. 2). Para o autor, a prática da hospitalidade na cidade está condicionada pelas infraestruturas presentes e suas normas de utilização, seus símbolos, códigos e formas de comunicação. “O entorno urbano vivido é



o lugar de trocas e a matriz de um processo de hospitalidade, pois a hospitalidade ‘da’ e ‘na’ cidade, definida como um sistema de atividades, coloca-se ao longo de uma cadeia, que vai desde o construído aos espaços públicos e às redes de infraestruturas” (Grinover, 2008, p. 3).

Vale destacar o posicionamento de Bauman (2014, p. 8-9) ao conceituar a cidade como “modo de viver, de pensar, algo em que se expressam história, arquitetura, música (samba), artes plásticas, poder, memória, intercâmbios, encontros de pessoas e ideias, [...] um espaço em que o mundo moderno nasce e também adquire suas formas para o futuro”.

Assim, buscando uma conceituação de lugar, a partir da Geografia, Santos (1988, p. 59) apresenta o conceito como “um conjunto de objetos que têm autonomia de existência pelas coisas que o formam – ruas, edifícios, canalizações, indústrias, empresas, restaurantes, eletrificação, calçamentos –, mas que não têm autonomia de significação, pois, todos os dias, novas funções substituem as antigas, novas funções se impõem e se exercem”. Santos (1988, p. 54) ainda expõe que todos esses elementos, que se agrupam dando a configuração espacial de um lugar, têm a função de “destrinchar as relações existentes entre estes elementos, tornando os conceitos em realidades empíricas”, permitindo, portanto, que se vislumbre, no tempo e no espaço, a transformação que se concretiza no lugar analisado e, ao mesmo tempo, no mundo. Santos (2014, p. 158) apresenta também que o lugar se define como “a funcionalização do mundo e é por ele que o mundo é percebido empiricamente”. Trata-se, portanto, de um “acontecer solidário”, e o concebe como “espaço banal” (Santos, 2014, p. 160), onde se dá a realização compulsória de tarefas comuns, as quais, também, totalizam o mundo.

O pesquisador, portanto, deve se ater à “história das relações do lugar analisado e de seus objetos”, sobre os quais se dão as ações humanas, já que os objetos e as relações mantêm ligações dialéticas; onde o objeto acolhe as relações sociais e, estas, impactam os objetos (Santos, 1988, p. 63).

Assim, entende-se que as relações construídas entre os sujeitos e o lugar impõem novas funções e significados distintos ao lugar. Essas mesmas relações, por mais singelas que pareçam, constituem-se de sentidos e símbolos que permitem ao pesquisador uma compreensão da totalidade, ou seja, faz parte de uma relação global identificada por Santos (1988) como “relação dialética entre o singular e o universal”. Baptista (2002, p. 162), ao tratar sobre os lugares de hospitalidade, resgata o conceito de “lugares antropológicos” de Marc Augé, ou seja, “lugares de uma referência afetiva”, ou onde se dorme, onde se come, onde se trabalha e onde se partilham alegrias e tristezas. Lugares de reconhecimento, de proximidade e de encontro. Para a autora, as práticas da hospitalidade contribuem para uma configuração



antropológica, potencializando a humanização de espaços de trânsito: hotéis, cafés, centros comerciais, parques, praças públicas e todos os outros lugares do cotidiano. Constitui, pois, um modo de relações com o outro, condição de urbanidade e de civilidade, a partir de uma atitude de acolhimento.

Baptista (2002, p. 162) ainda afirma que “as sociedades urbanas, à medida que se desenvolvem e complexificam, vão perdendo o sentido da vida em comunidade, requerido por uma solidária convivência entre pessoas”. Hospitalidade, assim, potencializa a socialização dos sujeitos separados pelo inevitável fluxo da vida moderna. Só com uma relação de proximidade é possível abraçar verdadeiramente a aventura da descoberta, da realização e da superação de nós mesmos (Baptista, 2002). Por isso, entende-se que aprofundar o conceito de lugar, faz-se também como uma proposta significativa para o artigo.

Ao refletir sobre esses posicionamentos, é oportuno indagar se essas rodas de samba, materializadas pelo Club do Compositor nas Regiões Administrativas do DF brasileiro, carregam o potencial de resgatar esse sentido da vida em comunidade ou de vivência da hospitalidade nos lugares onde são efetivadas. Pois, talvez, seja possível que, nos lugares de realização desses sambas, haja uma emersão e consolidação dos laços sociais e da hospitalidade, a partir dos sambistas e dos sujeitos partícipes.

Entretanto, vale destacar a distinção apresentada por Grinover (2008) sobre a questão. “Não é possível falar de ‘espaços hospitaleiros’, nem de ‘lugares hospitaleiros’, mas de usos e ocupações hospitaleiras do espaço” (Grinover, 2008, p. 4), o que orienta os pesquisadores na identificação de possíveis evidências da hospitalidade nos espaços públicos ocupados pelo Club do Compositor, por exemplo.

Portanto, para verificar essas evidências, que possibilitam um reconhecimento das rodas de samba como lugares de vivência da hospitalidade, os pesquisadores buscaram se ater às práticas sociais e aos comportamentos dos sujeitos sambistas, a partir da valorização dos lugares rodas de samba, onde se concretizam as vivências, as interações, as trocas, os encontros e as relações socioespaciais; considerando o olhar para além da aparência das expressões do samba, conforme apresentado no delineamento a seguir.

O PERCURSO METODOLÓGICO DE DELINEAMENTO DA PESQUISA

Ao abordar como conceitos-chave de análise a hospitalidade, entendida como um fenômeno socioespacial que promove complexas relações de acolhimento (Baptista, 2002; Cruz, 2002; Camargo, 2004; Grinover, 2008, 2019), e o lugar, interpretado como o “espaço banal do acontecer solidário” (Santos, 2014, p. 68),



busca-se evidências que contribuam para o reconhecimento das rodas de samba do Club do Compositor (e das demais rodas de samba democráticas do DF brasileiro) como lugares de vivência da hospitalidade. As referências bibliográficas aqui tratadas dialogam com a Geografia e o Turismo, ramos do conhecimento das ciências humanas, os quais contribuem para a construção teórica e o percurso metodológico aqui apresentados, no que se refere às evidências de vivência da hospitalidade pelo fato rodas de samba; expressão popular de lazer, concretizada no território do DF brasileiro. Este recorte espacial é tratado como um território de intervenções populares, a partir de múltiplas manifestações culturais originárias de todo o país.

Entende-se que o tema da hospitalidade carrega em si um complexo universo de possibilidades, o qual desafia os pesquisadores nessa construção. Entretanto, o que está em foco na pesquisa são as evidências que contribuam para um reconhecimento das rodas de samba democráticas como lugares de vivência da hospitalidade; evidências estas que podem estar relacionadas desde a identidade; o sentimento de pertencimento; o acolhimento; e demais relações entre os sujeitos; além das relações dos sujeitos com os lugares, numa permanente construção de relações sociais e hospitaleiras.

Entendida como “categoria de identidade” por Matheus (2002, p. 66), a hospitalidade não pode ser estudada a partir de um nível normativo, mas sim considerando as percepções e sentidos influenciados pela cultura e pela educação dos sujeitos envolvidos^{iv}.

Assim, por meio de uma pesquisa qualitativa, de nível exploratório, que procura obter um “entendimento dos fatores que exercem influência na situação que constitui o objeto de pesquisa” (Gil, 2002, p. 129), o artigo é construído a partir do uso de dois procedimentos, tidos como necessários à obtenção dos dados:

- (i) *o levantamento bibliográfico e documental*: a partir de referências bibliográficas, documentos, registros fotográficos e de jornais; e
- (ii) *o levantamento de campo*: constituído por duas técnicas de coleta de dados:
 - a. *observação sistêmica*: a qual os pesquisadores permaneceram alheios à comunidade, observando de maneira espontânea (Gil, 2002) os fatos rodas de samba (com foco na estrutura física; na caracterização do lugar; na relação entre os músicos integrantes; dos músicos com os participantes; e dos participantes com o lugar), em 12 (doze) momentos técnicos, que ocorreram em dias alternados (conforme a realização das rodas de samba), com efetivação de registros fotográficos e gravações de vídeos (a partir dos Termos de



Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE – assinados), também contidos em Alves (2019a, 2019b); e

- b. *entrevista de roteiro semiestruturado em grupo*: realizada no dia 17 de abril de 2019, com três componentes do coletivo Club do Compositor, gravada em arquivo mp3 (a partir dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE – assinados); também parte da pesquisa de Alves (2019a, 2019b). A entrevista foi semiestruturada em três blocos, com as seguintes abordagens: conhecer o contexto histórico das rodas de samba do Club do Compositor; identificar os lugares e as características de efetivação dessas rodas de samba; e pontuar os objetivos e sentidos de se promover essas rodas de samba democráticas territorializadas no DF.

Todos esses procedimentos foram executados concomitantemente, contribuindo para uma melhor catalogação, sistematização e análise dos dados aqui apresentados. Os dados empíricos aqui tratados são um recorte do conteúdo que compõe a pesquisa de doutoramento efetivada por Alves (2019a, 2019b), no Programa de Pós-graduação do Departamento de Geografia da Universidade de Brasília, bolsa CAPES CNPq, defendida em dezembro de 2019. Este recorte de conteúdo engloba, especificamente, os dados obtidos sobre o coletivo de samba Club do Compositor, atuante no Distrito Federal brasileiro, desde o ano de 2017.

O conceito de pesquisa, tratado por Demo (2004, p. 16), é entendido como “um movimento processual incessante de desconstrução e reconstrução”, se pauta, assim, por “abrir oportunidades para os marginalizados de construir sua emancipação, usando o melhor conhecimento possível” (Demo, 2004, p. 13). Da mesma forma, a interpretação construída, não pode ser tomada como objetiva, mas “como contribuição analítica sempre discutível, cuja aceitabilidade é função principal da discussão aberta e sempre na ordem do dia”, conforme orienta Demo (2004, p. 22).

A pesquisa aqui apresentada, portanto, torna-se necessária para valorizar a relação dinâmica entre a teoria e a prática, colocando a construção do conhecimento – sobre hospitalidade e seus lugares de vivência – como estratégia de libertação social; no sentido de que os grupos segregados hegemonicamente pela indústria cultural – aqui entendidos como os sambistas do DF – possam se reconhecer e se apropriar da sua história e de seu patrimônio cultural popular, a fim de subsidiar futuras ações, projetos e políticas sociais.



O CLUB DO COMPOSITOR COMO FOMENTADOR DA HOSPITALIDADE NOS LUGARES “RODAS DE SAMBA” DAS REGIÕES ADMINISTRATIVAS DO DISTRITO FEDERAL BRASILEIRO

Em entrevista com Brito, Travassos e Vitória (2019), realizada em 17 de abril de 2019, foi possível conhecer que o coletivo de samba aqui pesquisado teve sua origem em uma conversa entre amigos, na residência do músico e compositor Diego do Banjo (que não mora mais no DF), no mês de junho de 2017. Nesse encontro, os amigos decidiram fazer outros novos encontros, abertos e de forma periódica, para, em conjunto, compor novos sambas e tocar sambas de raiz e autorais. O fluxo de pessoas nesses encontros aumentou e teve-se, então, a iniciativa de oficializar a criação do Club do Compositor.

Desde o seu surgimento, os encontros ocorrem em vários lugares das Regiões Administrativas do DF. Algumas vezes nas casas dos sambistas, outras em áreas públicas de fácil acesso no território Federal.

O Club do Compositor está sob a responsabilidade dos sambistas Dalbert Brito, Fiola Travassos, Felipe Vitória (ver Figura 1), Dilton do Cavaco, Roberto Bolacha e Dinho Braga; com sede dos encontros no Batalhão das Artes (antigo 2º Batalhão da Polícia Militar), localizado em frente à Praça da Associação Comercial e Industrial de Taguatinga (ACIT), na quadra QI 25, Região Administrativa III Taguatinga Norte (ver Figura 2). As rodas de samba promovidas pelo coletivo ocorrem quinzenalmente, às sextas-feiras, e nos primeiros sábados de cada mês, de 16:00 às 22:00, aproximadamente.

A proposta do Club do Compositor é a de promover, valorizar, incentivar e divulgar o samba de raiz e o samba autoral do DF, que vem perdendo espaço, culturalmente, a partir do surgimento dos estilos Axé, Pagode e Sertanejo Universitário. As divulgações e propagandas de realização das rodas de samba são feitas por meio de mídias como o *Facebook*^v e o *Instagram*^{vi} com administração dos próprios responsáveis. Abertas para toda a comunidade do DF e cidades próximas, a participação do público se faz sempre gratuita e os músicos e cantores, que participam dessas rodas, não são remunerados; por isso, são denominadas como rodas de samba abertas ou democráticas.



Figura 1 - Integrantes do Club do Compositor;
Fonte: Acervo particular (Alves, 2019).



Figura 2 - Sede do Batalhão das Artes;
Fonte: Acervo particular (Alves, 2019).

Elas ocorrem na sede do Club do Compositor (Batalhão das Artes) ou em parceria com outros coletivos de rodas de samba, tais como o Samba na Comunidade, o Samba do Banquinho, o Samba da Guariba ou o Samba Pode Chegar, conforme localização apresentada na Figura 3.

A escolha dos lugares para a efetivação das rodas de samba é sempre pautada na diversidade e no quantitativo de frequentadores, possível de se observar no Estacionamento 10 do Parque da Cidade Sarah Kubitschek (onde ocorre o Samba do Banquinho) e na Praça da Bíblia de Ceilândia (onde ocorre o Samba na Comunidade). São lugares os quais os sujeitos possuem fortes vínculos (identitários, culturais, afetivos), que se dão por uma apropriação simbólica e cotidiana (Alves, 2019a). Tendo em vista a proposta do coletivo ser a de divulgação e valorização do samba autoral e de raiz, nas comunidades das Regiões Administrativas do DF, a escolha do lugar de realização dos encontros sempre se pauta, preferencialmente, nos locais onde a cultura popular não é valorizada e incentivada pelos órgãos de gestão pública competentes.

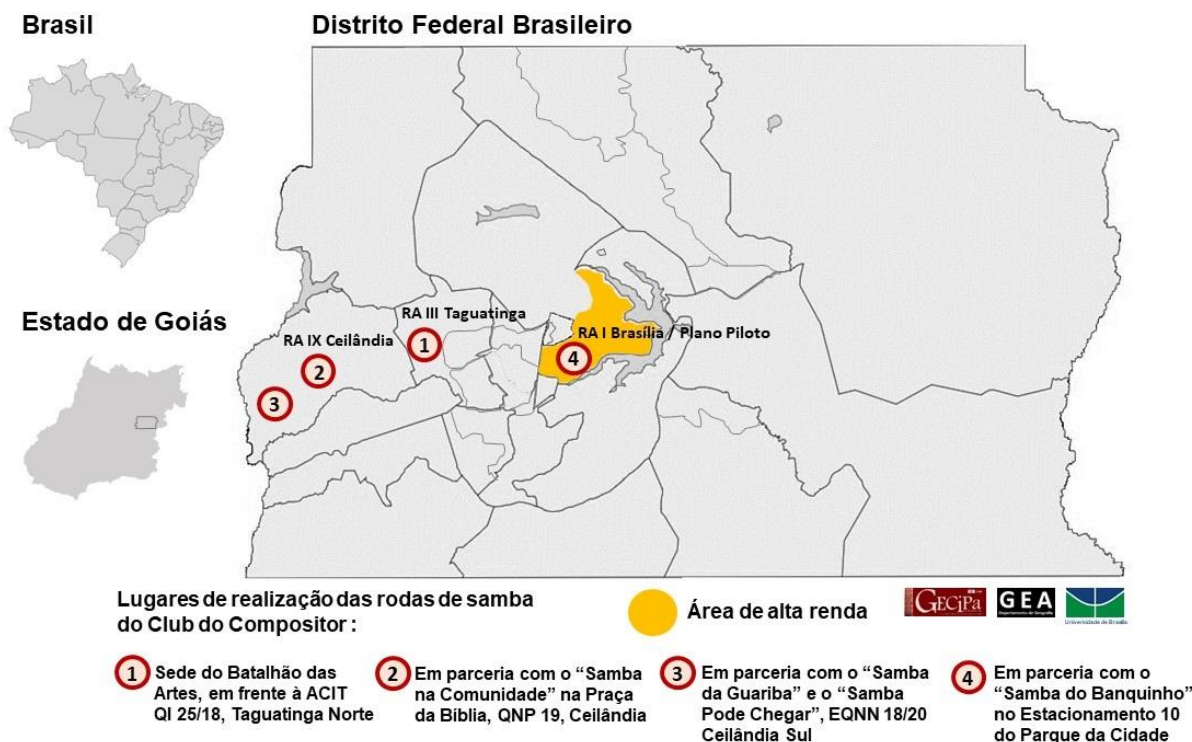


Figura 3 - Regiões Administrativas onde são realizadas as rodas de samba do Club do Compositor; Fonte: Elaborado por Alves (2020).

Conforme Matheus (2002, p. 65), a carência de vida cultural e de atividades sociais e coletivas, tal como observado nas Regiões Administrativas do DF, diminui o que se entende por laços sociais. Para a autora, esse processo promove uma “castração das forças de mobilização, ação e reivindicação da coletividade em geral, além de causar a perda da hospitalidade”.

Da mesma forma, entende-se que o Distrito Federal brasileiro se constitui, historicamente, como um produto conjuntural ideológico de desenvolvimento da nação e de internacionalização da economia brasileira, identificada por uma exclusão espacial e social crescente, de enriquecimento de poucos e exploração de muitos (Alves, 2019a), características estas essenciais para uma interpretação das rodas de samba democráticas como lugares de vivência da hospitalidade.

O coletivo Club do Compositor, portanto, vem lutando, resistentemente, para reverter essa imposição sociocultural e espacial, a partir de seus sambas autorais e das rodas de samba democráticas nas comunidades periféricas realizadas. É possível observar este movimento de resistência – contra a imposição hegemônica sociocultural – na valorização e divulgação das composições feitas pelos integrantes do Club do Compositor, que são tocadas em todas as rodas de samba realizadas; e na gestão



dos recursos para a efetivação dessas rodas, que sempre são de responsabilidade dos próprios componentes. Esses, precisam solicitar licença e autorização de uso dos espaços públicos escolhidos junto ao Governo do Distrito Federal (para que as rodas aconteçam), além de requerer apoio de segurança pública ao local: polícia militar e corpo de bombeiros (para garantir apoio aos participantes). Ademais, os organizadores ainda precisam arcar com as despesas de locação de equipamentos e infraestrutura, tais como mesas, cadeiras, tendas, equipamentos de som e luz, para a composição dos lugares de efetivação das rodas de samba. Todo este preparo do lugar – para a efetivação das rodas de samba – se faz como um cuidado no receber e acolher os participantes. Inspira respeito, união e inclusão, além de encorajar fidelidade e uma permanência dos sujeitos nos lugares do samba.

Entretanto, os componentes do Club do Compositor revelaram que o coletivo vem apresentando dificuldades para conseguir apoiadores ou patrocinadores para a realização dos encontros (Brito, Travassos & Vitória, 2019). Os custos acabam sendo divididos entre os próprios componentes do coletivo. Quando os encontros são realizados no Batalhão das Artes (ver Figura 4), sede do coletivo, não há necessidade de um planejamento tão elaborado, somente dos custos para a locação dos equipamentos eletrônicos, mesas e cadeiras. Importante destacar que o Batalhão das Artes não é de uso exclusivo do Club do Compositor. Outros coletivos e organizações também utilizam o espaço para as suas práticas culturais e educativas.

Durante a realização dos 12 (doze) momentos técnicos em campo – de observação sistêmica das rodas de samba – foi possível notar que os integrantes do Club do Compositor interagem e acolhem a comunidade, em seus lugares de samba, oferecendo a alegria e o cuidado; além de tocar as canções que os convidados solicitam. Satisfazem, assim, os desejos dos convidados e promovem uma sensação própria e particular de pertencimento e identidade. Conforme os fatos observados, a partir das relações de afeto entre os integrantes (e com o próprio samba tocado), no lugar rodas de samba se promovem significativas relações: social, cultural e territorial.

Importante ressaltar que, durante entrevista realizada, os integrantes do Club do Compositor se posicionaram conscientes e incluídos nos processos históricos de segregação e exclusão dos moradores das Regiões Administrativas do DF; processos relacionados à raça, classe, religião e gênero, existentes desde o início da construção do território até hoje (Brito, Travassos & Vitória, 2019).

Essa conscientização se reflete no ato de acolher os visitantes sambistas durante a efetivação das rodas de samba. Percebe-se que os visitantes se sentem ‘em casa’ quando partícipes dos encontros; e o Club do



Compositor se apresenta na posição de anfitrião para: proporcionar o lazer gratuito e democrático; mostrar suas produções autorais; sua cultura; e sua história.

Conforme Cruz (2002, p. 44), esse sentir-se em casa, em termos de hospitalidade, significa “ter no lugar em que se é estrangeiro a mesma sensação de acolhimento que se tem na própria casa, o que significa, em primeiro plano, segurança, mas também conforto e bem-estar de modo geral”.

Quando realizadas em praças e espaços públicos das Regiões Administrativas (ver Figura 5), essas rodas de samba promovem uma significativa interação social com as comunidades, cujos mecanismos dinâmicos são controlados por seus atores. A Praça da Bíblia (RA IX Ceilândia), por exemplo, passa a ser considerada um elemento agregador das atividades e das interações sociais da cidade, função apresentada por Grinover (2008, p. 7) como “espaço afetivo de pertencimento” dos sujeitos partícipes.

Identidade, sentimento de pertencimento, respeito e acolhimento são atributos visíveis nessas manifestações culturais. O cuidado e o afeto para com os participantes e a preocupação em respeitar a diversidade de classe, gênero, religião e raça do público é marcado pelo ritmo das canções tocadas, as quais refletem, em suas letras, a resistência e a luta social, presentes nas transformações territoriais e sociais do Brasil desde a dominação dos colonizadores. Sambas como ‘O canto das três raças’ ou ‘Juízo Final’, por exemplo, promovem um movimento de euforia e entusiasmo nos partícipes sambistas. Movimento este que contagia a todos e todas que se aproximam.

O Club do Compositor ainda contribui socialmente para as comunidades em situação de vulnerabilidade, promovendo: (i) campanhas de arrecadação de alimentos e agasalhos; (ii) projetos educativos com jovens da comunidade, a partir do samba; (iii) oficinas de ensino da instrumentação musical para crianças; além da (iv) valorização e divulgação da música popular brasileira, em especial o samba autoral e o samba de raiz, como já apresentado.



Figura 4 - Roda de Samba na Sede do Batalhão das Artes – Taguatinga Norte; Fonte: Acervo particular (Alves, 2019).



Figura 5 - Club do Compositor na comemoração de aniversário do Samba do Banquinho; Fonte: Acervo particular (Alves, 2019).

Assim, além da cordialidade no contato entre os mestres e músicos do samba com os visitantes sambistas, a hospitalidade observada também se materializa por meio das campanhas e oficinas ofertadas pelo Club do Compositor, além do envolvimento e participação das infraestruturas e serviços diversos, também presentes ao redor das rodas de samba.

O comércio local – bares, distribuidoras, padarias e lanchonetes – ao redor dos espaços públicos onde as rodas de samba ocorrem, também é beneficiado e recebe incentivo socioeconômico, a partir do aumento das vendas e do consumo feito pelos visitantes sambistas. Alguns moradores, incentivados pela movimentação do samba, acabam promovendo também o comércio informal – na venda de águas, cervejas ou ‘churrasquinhos’, por exemplo –, em busca do aumento da renda familiar, principalmente nas áreas mais vulneráveis onde as rodas acontecem (RA III Taguatinga e RA IX Ceilândia, ver Figura 3). Essas prestações de serviços, formal e informal, também contribuem como infraestruturas urbanas essenciais à hospitalidade do território.

Com base em Cruz (2002), Matheus (2002) e Grinover (2008, 2019), entende-se que a presença e a oferta desses serviços qualificam os espaços públicos ou lugares (aqui relacionados às rodas de samba); além da própria materialização das rodas de samba se tornar de fundamental importância para a vivência da hospitalidade no território, a partir das experiências urbanas promovidas pelo Club do Compositor. A atuação do coletivo nesses lugares, portanto, contribui efetivamente como práticas de acolhimento social e vivências da hospitalidade nos territórios do DF brasileiro.



Devido o atual estado de isolamento social, provocado pela pandemia do COVID-19, as atividades do Club do Compositor estão suspensas. Entretanto, os integrantes continuam com as rodas de samba de forma virtual, promovendo *lives* no *Instagram* ou apresentações via *Youtube* e *Facebook* (ver Figura 6 e Figura 7), no esforço de manter o vínculo com as comunidades das Regiões Administrativas e continuar divulgando o samba autoral do DF.



Figura 6 - Divulgação de evento virtual;
Fonte: www.facebook.com/clubdo compositor df



Figura 7 - Divulgação de evento virtual;
Fonte: www.facebook.com/clubdo compositor df

Todo esforço, observado nas práticas do Club do Compositor, de acolher, promover e divulgar o samba, acolhendo e ofertando gratuitamente o lazer aos visitantes sambistas, requer um envolvimento das comunidades receptoras, o que não falta na população das Regiões Administrativas; que, em sua maioria, é muito receptiva.

Portanto, as evidências aqui pontuadas – centradas no lazer e na oferta de estruturas voltadas, exclusivamente, para a socialização, valorização e preservação do samba no DF –, contribuem para o reconhecimento das rodas de samba democráticas do Club do Compositor (e dos demais coletivos que o Club do Compositor acompanha e participa) como lugares de vivência da hospitalidade no território. Ao planejar e efetivar os encontros nas Regiões Administrativas, arquitetam-se lugares de sociabilidade, identidade e cultura (a partir do samba), podendo, assim, ressignificar esses locais como lugares do samba e de vivência da hospitalidade.

Entende-se, assim, que tais iniciativas podem e devem ser incentivadas, divulgadas e fomentadas, principalmente pelas comunidades, órgãos educacionais e governamentais, tais como um patrimônio cultural e artístico não institucionalizado do Distrito Federal brasileiro.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudar a hospitalidade e os lugares das rodas de samba, a partir do ponto de vista sociocultural e espacial, compreende-se a existência de um movimento dialético entre distâncias e, ao mesmo tempo, proximidades. Relações essas que envolvem os sujeitos, seus territórios e as infraestruturas locais a eles relacionadas. Acredita-se necessário e urgente a busca e identificação de atores e de movimentos sociais com habilidades e potencialidades de transformação dos espaços urbanos, *locus* das relações dos sujeitos, em lugares de vivências da hospitalidade, tal como os identificados neste artigo.

A partir da aproximação e do reconhecimento das rodas de samba do Club do Compositor como lugares de vivência da hospitalidade, é possível identificar, nessas expressões populares, signos e símbolos de uma vivência urbana transformadora ‘do’ e ‘no’ Distrito Federal brasileiro; capazes de multiplicar e intensificar as práticas de acolhimento, reconhecimento e cuidado social dos sujeitos no território.

Num mundo como o nosso, tal como apresenta Bauman (2014, p. 175), cada vez mais arquitetado por relações líquidas, somos compelidos a levar a vida “passo a passo” (como se estivéssemos numa roda de samba), esperançosos de que cada avanço seja diferente do anterior e ativos na promoção de outros conhecimentos e habilidades para a transformação do futuro-presente.

Durante a construção deste artigo, portanto, foi possível identificar outras problematizações que inspiram os autores à novas pesquisas, tais como: – É possível esboçar estratégias para uma maior movimentação das rodas de samba do Clube do Compositor, para além das Regiões Administrativas identificadas? – O Turismo pode contribuir, positivamente, na promoção, valorização e divulgação dessas rodas de samba democráticas e também do próprio samba de raiz e autoral do DF brasileiro? – De que forma?

Essas e outras indagações podem servir de iniciativa ou roteiros para novas investigações, tanto sobre o Club do Compositor – ativo socialmente no território – quanto sobre o próprio movimento do samba (autoral e de raiz) do DF.

Assim, inspirados pelas abordagens do saudoso Professor Eduardo Yázigi (1999) – o qual prestamos aqui uma singela homenagem –, cremos na prática do turismo como um caminho alternativo, sobretudo, quando se é planejado na certeza de que sua expansão promoverá os sujeitos e seu espaço, a partir da prática da hospitalidade.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alves, V. J. R. (2019a). *As Rodas de Samba do Distrito Federal Brasileiro, Patrimônio-territorial Latinoamericano, Expressão de Resistência Espacial Negra*. Tese de doutorado em Geografia. Universidade de Brasília: Programa de Pós-graduação em Geografia, Brasília.
- Alves, V. J. R. (2019b). As rodas de samba do Distrito Federal brasileiro como patrimônio-territorial: uma construção metodológica. *Boletim Campineiro de Geografia*, 9(1), 93-106. Recuperado em 8 junho, 2020, de <https://bityli.com/TQqpZ>
- Avena, B. M. (2006). *Turismo, Educação e Acolhimento: um novo olhar*. São Paulo: Roca.
- Baptista, I. (2002). Lugares de Hospitalidade. In C. M. M. Dias (Org.). *Hospitalidade: Reflexões e Perspectivas*. São Paulo: Manole Ltda.
- Bauman, Z. (2014). *Cegueira Moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Brito, D. S., Travassos, F., & Vitória, F. (2019). *Informação oral*. Entrevistador: V. J. R. Alves. Arquivo mp3 (27min. 52seg.). Brasília / DF. Gravado em 17 abril, 2019.
- Brusadin, L. B., & Panosso Netto, A. (2017). O sacrifício e o espírito das coisas perante o dom e a hospitalidade: (des)entendimentos científicos. In L. B. Brusadin (Org.). *Hospitalidade e dádiva: a alma dos lugares e a cultura do acolhimento*. Paraná: Editora Prisma.
- Camargo, L. O. L. (2004). *Hospitalidade*. 3ª ed. São Paulo: Aleph.
- Cruz, R. C. A. (2002). Hospitalidade Turística e Fenômeno Urbano no Brasil: Considerações Gerais. In C. M. M. Dias (Org.). *Hospitalidade: Reflexões e Perspectivas*. São Paulo: Manole Ltda.
- Demo, P. (2004). *Pesquisa Participante: saber pensar e intervir juntos*. Brasília: Liber Livro Editora.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª ed. São Paulo: Atlas.
- Grinover, L. (2008). A hospitalidade e as transformações urbanas. *Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 2 a 6 de setembro de 2008. Natal, RN: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). Recuperado em 10 junho, 2020, de <https://bityli.com/zLecE>
- Grinover, L. (2019). Nós, a cidade, a hospitalidade. *Revista Rosa dos Ventos: Turismo e Hospitalidade*, 11(1), 224-234. DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v11i1p224>. Recuperado em 10 junho, 2020, de <https://bityli.com/vNya5>

Matheus, Z. M. (2002). A Ideia de uma cidade hospitaleira. In C. M. M. Dias (Org.). *Hospitalidade: Reflexões e Perspectivas*. São Paulo: Manole Ltda.

Santos, M. (1988). *Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos teórico e metodológico da geografia*. São Paulo: Hucitec.

Santos, M. (2004). *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Record.

Santos, M. (2007). *O Espaço do Cidadão*. 7ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Santos, M. (2014). *Da Totalidade ao Lugar*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Yázigi, E. (1999). *Turismo: uma esperança condicional*. 2ª ed. São Paulo: Global.

Nota - Trabalho apresentado no XVII Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo (ANPTUR) no ano de 2020.

INFORMAÇÕES DO (S) AUTOR (ES)

ⁱ **VITOR JOÃO RAMOS ALVES** – Bacharel em Turismo pelo Instituto de Educação Superior de Brasília – IESB/DF. Mestre em Turismo pelo CET/UnB/DF. Doutor em Geografia pela Universidade de Brasília – PPGA/UnB/DF. Professor Substituto e Colaborador do Centro de Excelência em Turismo – CET/UnB/DF. E-mail: vitorjoaoramosalves@gmail.com

ⁱⁱ **LUCIANA RESENDE BORGES** – Mestre em Turismo pelo CET/UnB/DF. Doutoranda pelo PPGTUR/USP/SP. Pesquisadora do Grupo CNPq de Pesquisa: Turismo, Viagens, Cultura e Lazer – IF/BA. E-mail: luciana_rborges@yahoo.com.br

ⁱⁱⁱ As Regiões Administrativas são uma divisão administrativa do Distrito Federal brasileiro, composto atualmente por 33 regiões (RA's) oficialmente constituídas como dependentes do Governo do Distrito Federal (DF) brasileiro.

^{iv} Segundo Matheus (2002, p. 66), toda a identidade requer “a existência do outro”, o que significa que uma forma de relacionamento (identificação, solidariedade, hospitalidade) é indispensável para se construir algo com o outro.

^v Link: <https://www.facebook.com/clubdocompositordf/>

^{vi} Link: (<https://instagram.com/clubcompositor>),